



Tradução e nacionalidade: a tradução nas páginas do *Correio Braziliense*

Julio Cesar Neves Monteiroⁱ (UnB)

Resumo: O *Correio Braziliense*, ou *Armazém Literário*, foi um jornal brasileiro publicado em Londres por Hipólito José da Costa entre 1808 e 1822. Em sua longa história, confundem-se o pioneirismo da empreitada jornalística, o inusitado local de sua publicação e o papel das traduções ali publicadas, tudo a serviço de um projeto de nação divisado por seu fundador. Neste artigo, será dada ênfase ao ainda pouco conhecido papel de Hipólito José da Costa como tradutor dos artigos publicados no *Correio Braziliense* e ao teor e relevância de tais traduções.

Palavras-chave: jornalismo, tradução, história.

Abstract: *Correio Braziliense*, ou *Armazém Literário*, was a Brazilian newspaper published in London by Hipólito José da Costa from 1808 until 1822. During the course of its long history, its role as a pioneer of the Brazilian printed media, the unusual place where it was published and the role of the translations published in its volumes were intertwined at the service of the ideal of nation devised by its founder. This article will focus on Hipólito José da Costa's little known role as the translator of the articles published at *Correio Braziliense* and the relevance of such translations.

Keywords: journalism, translation, history.

Este artigo tem como objetivo discutir algumas questões referentes às traduções publicadas no *Correio Braziliense* e sua relação com a nação que se desenhava no período compreendido entre a chegada da corte portuguesa ao Brasil e a declaração da independência do país. O *Correio Braziliense*, ou *Armazém Literário*, circulou entre 1808 e 1822, num total de 29 volumes.

Cabe, aqui, uma pequena notícia biográfica do criador do **Correio Braziliense**. Hipólito José da Costa nasceu no que é hoje a uruguaia Colônia do Sacramento, à época pertencente à Coroa portuguesa. Filho de fazendeiro, cursou Direito em Coimbra e teve ascensão rápida na corte, onde começa seu percurso como editor, tendo lá sido nomeado para a Imprensa Real em 1801. Após missões oficiais aos Estados Unidos, Inglaterra e França, o maçom Hipólito é preso e perseguido em Portugal e termina por fugir para a Inglaterra em 1805. Dali, onde morreria em 1823, reaproximou-se da terra natal e passou a produzir e editar inúmeros trabalhos, entre os quais o mais notório é o **Correio**. É patrono da cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras e também patrono da imprensa brasileira.

O **Correio Braziliense**, concebido, editado e escrito integralmente por Hipólito José da Costa em Londres entre 1808 e 1822, foi mais do que um empreendimento editorial; foi um projeto de nação concebido no exílio e que bebia das fontes do pensamento mais avançado da época, o que é afiançado pelo acidentado e interessante trajeto pessoal de seu criador. É importante salientar também que a circulação de periódicos que não fossem impressos pela Imprensa Régia foi proibida entre 1808 e 1820, fato que teve repercussões na produção, distribuição e consumo do trabalho de Hipólito. Longe do Brasil e das regras rígidas da Coroa, ele podia ousar mais do que seus compatriotas que permaneceram em solo brasileiro; por outro lado, a distribuição sofria com as inevitáveis demoras em fazer com que o material cruzasse o Atlântico para atingir seu público, constituído por uma pequena elite.

Além de produzir textos de sua autoria, nos quais esses pensamentos se manifestavam claramente, Hipólito José da Costa traduziu profusamente para as páginas do **Correio**. Tudo o que justificasse ou ilustrasse sua concepção do que seria ideal para o nascente Estado brasileiro foi traduzido por ele: cartas, documentos, ensaios de natureza vária, textos literários. Acredito que a análise dessas traduções pode lançar luz sobre diversos aspectos da formação político-cultural do Brasil, e este trabalho pretende contribuir para o resgate da importância do trabalho do tradutor Hipólito José da Costa para o país. Para demonstrar meu argumento, lançarei mão da análise de alguns trechos retirados de volumes publicados em diferentes épocas. Os fragmentos a seguir estão em sua grafia e pontuação originais.

Prefácio ao primeiro volume (trecho)

Levado destes sentimentos de Patriotismo, e desejando aclarar os meus compatriotas, sobre os factos políticos civis, e literários da Europa, emprendi este projecto, o qual espero mereça a geral aceitação daquelles a quem o dedico.

Longe de imitar só, o primeiro despertador da opinião publica nos factos que excitão a curiosidade dos povos, quero, alem disso, traçar as melhorias das Sciencias, das artes e n'uma palavra de tudo aquillo, que pode ser util á sociedade em geral. Feliz eu se posso transmittir a uma Nação longinqua, e socegada, na língua, que lhe he mais natural, e conhecida, os acontecimentos desta Parte do mundo, que a confusa ambição dos homens vai levando ao estado da mais perfeita bárbaridade. O meu único desejo será de acertar na geral opinião de todos, e para o que dedico a esta empreza todas as minhas forças, na persuasão de que o fructo do meu trabalho tocará a méta da esperança, a que me propus.

Londres, 1 de junho de 1808. (COSTA, 2002, p. 4)

O prefácio evidencia que Hipólito, mesmo já afastado do país, não subestimou a radical mudança político-social pela qual o Brasil passava. Pelo contrário, a criação do **Correio** no mesmo ano em que o país vê nascer a Imprensa Régia oferece a ele oferecer seus préstimos como editor alternativo para os habitantes do novo país independente que já se delineia.

É mister fazer dois comentários sobre o conteúdo do trecho acima. “O primeiro despertador” a que se refere Hipólito é o jornal português de 1649 que, segundo ele, foi o precursor dos jornais públicos no continente europeu. Já a “barbaridade” aludida no texto atende pelo nome de Napoleão Bonaparte, pelas razões sobejamente conhecidas.

Trecho de material do primeiro volume

Secretaria dos Negocios estrangeiros, 19 de Dezem. de 1807.

Hoje se recebêram despachos do Lord Visconde Strangford, Ministro Plenipotenciário de S. M. na Corte de Lisboa; a seguinte he a copia da carta, que elle escrevêo ao Muito Honrado George Canning, Principal Secretario do Estado de Sua Magestade, nos negocios estrangeiros.

Navio de S. M. Hibtrnia, defronte do Tejo, 29 de Novembro, 1307.
SENHOR,

Tenho a honra de annunciar-vos, que o Principe Regente de Portugal effetuou a sua sabia e magnanima resoluçao de se retirar de hum Reyno, que nao podia conservar por mais tempo, senao reduzindo-se a vassallo da França, e que Sua Alteza Real, e Familia, acompanhada pela maior parte dos seus navios de guerra, e por grande multidao de seus fieis vassallos e adherentes, partio hoje de Lisboa, e se acha em caminho para o Brazil, debaixo da escolta de huma Esquadra Ingleza.

Este grande, e memoravel acontecimento se nao deve attribuir somente ao susto repentino, excitado pela presença de hum Exercito Francez dentro dos limites de Portugal. Foi sim isto o resultado genuino do Systeme constante de Confiança c Moderação, adoptado por Sua Magestade a respeito deste Paiz; e por cujo resultado final eu me tinha de certo modo feito responsavel; e que em obediencia as vossas instrucçoens, continuei sempre a supportar uniformemente, até debaixo de circumstancias, que mais tendiam a desanimar.

(...) (COSTA, 2002, p. 19)

Neste e em outros textos (como excertos da Gazeta oficial de Londres) não há menção ao fato de o texto ser uma tradução nem ao tradutor, que suponho tenha sido o próprio Hipólito. Hipólito, aliás, era famoso por trabalhar sozinho; ele mesmo editava os textos, corrigia as provas, compunha os tipos, imprimia e, ao que parece, traduzia todo o material publicado no **Correio**.

O interessante aqui, em minha opinião, é ver a preocupação de Hipólito em recolher textos que dão fé dos fatos ocorridos em Portugal com óbvias implicações para o Brasil. E mais: mostrar os fatos também a partir de uma perspectiva estrangeira (A Inglaterra, no caso).

No volume 18, de 1817, aparecem textos que se pode identificar claramente como traduções. Utilizarei um pequeno excerto como exemplo do peso da tradução no **Correio**. Abaixo, segue a transcrição de dados de uma obra sobre economia:

*Economia Política de Simonde. CAPITULO vi. Do Capital Immaterial; ou das Obrigações ou Titulas de Empréstimos, ou Dividas.** (COSTA, 2002, p. 173)

É a tradução de parte do livro "Political Economy » do historiador e economista suíço Jean Charles Léonard de Sismondi (cujo nome original era Sismonde) publicado em Londres em 1815. Sismondi estava entre os pioneiros na defesa do fim do acúmulo de riquezas que deixava os menos afortunados em desvantagem. Esse era o tipo de leitura que não se esperaria de um súdito da coroa portuguesa, muito menos sua

divulgação em língua portuguesa. Porém, se há ousadia e pioneirismo por parte de Hipólito, também há traços de práticas editoriais tradicionais, pois, como acontece sistematicamente em todos os volumes do **Correio**, não há referência ao fato de ser uma tradução. As notas de pé de página também são traduzidas do original inglês.

Trecho do volume 29, de 1822, o último volume do **Correio Braziliense**

Americas Hespanholas.

Mr. Zea, o Deputado de Columbia em Londres recebéo um jantar publico, que lhe déram, ea que assistiram muitos Lords, Membros do Parlamento, e outras pessoas de Consideraçãõ.

Nos Estados Unidos recebêram-se ja os Enviados de Columbia e outros Estados Independentes da America Hespanhola.

El Rey de Suecia publicou um edicto, permittindo a todos os seus subditos negociar com os novos Estados da America Hespanhola.

Em fim a causa Americana está decidida, e acabada nella a dominação Europea. Temos pois vivido, quanto basta, para morrermos satisfeitos, havendo testemunhado a liberdade geral daquella parte do Mundo, cm que nascemos. Praza a Deus, que dela se aproveitem para bem. Da nossa parte temos para isso feito ha vinte annos, quanto de nossos humildes esforços dependia pata esse fim. Os nossos votos accompanharaõ sempre aquelle paiz. Ja nos não restará pezar, se aqui acabarmos nossa carreira literaria.

Esse trecho, que não é uma tradução e sim uma notícia, revela tanto o fim próximo do **Correio** como o paulatino desaparecimento de traduções nas páginas do jornal. Neste último volume não há traduções, ou algo que se possa avaliar claramente como tradução; há as costumeiras resenhas de publicações lançadas na Inglaterra, há notícias sobre preços praticados naquele país, mas cessou a publicação de trechos traduzidos de livros, por exemplo.

Especulo que, com a independência do Brasil e com o crescimento de gráficas e casas editoriais no país, os serviços “remotos”, por assim dizer, de edição e de tradução perderam sua função. O que Hipólito fazia da Inglaterra já podia ser feito do Brasil. Além disso, com a independência, começou um processo de reaproximação

com a França, o que fez com que as publicações de língua inglesa (especialidade de Hipólito) fossem perdendo espaço.

A tradução no **Correio Braziliense** não é nomeada, ou seja, não aparece como tal. É como se os documentos tivessem sido originalmente produzidos em língua portuguesa. No Brasil, que recém havia implantado a imprensa, questões de autoria e de identificação de traduções (e de tradutores) simplesmente não estavam na ordem do dia. Na Inglaterra, local de origem dos textos, tampouco essas questões estavam resolvidas, embora já se pensasse nelas pelo menos desde o século anterior. Foi somente décadas após o fim da publicação do **Correio** que a sociedade inglesa começou a dar maior atenção para questões como direitos autorais e, de forma quase colateral, questões sobre quem é o autor e quem é o tradutor:

The establishment of associations to represent the professional interests of various sectors of the [editorial] trade, such as the Society of Authors in 1896, also illustrated how far the business of bookselling, publishing, and literary authorship had come since the eighteenth century (...). Literary production was no longer, if ever it had been, the mythologized, casual, aesthetically informed pursuit of dedicated 'gentlemen' or 'gentlewomen', but had become part of a highly organized and commercial system" (FINKELSTEIN, 2002, p. 14)

A título de conclusão, enfatizo as traduções de Hipólito José da Costa como manifestações inseridas em determinado contexto sócio-histórico e como agente desse momento histórico. Os tipos de textos traduzidos e a finalidade que seu tradutor-editor imaginava para eles revelam uma agenda política, uma missão civilizatória (dentro do espírito da época) e um ambicioso projeto editorial. Hipólito José da Costa, além de patrono dos jornalistas, também foi mediador de culturas via tradução. Já é hora de resgatar essa faceta do homem que, sozinho, imprimiu milhares de páginas de ambições e de anseios.

Referências bibliográficas

COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense, ou Armazém Literário*, vol I. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Correio Braziliense, 2002.

COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense, ou Armazém Literário*, vol XVIII. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Correio Braziliense, 2002.

COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense, ou Armazém Literário*. vol XXIX. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Correio Braziliense, 2002.

FINKELSTEIN, David. *The House of Blackwood: Author-publisher Relations in the Victorian Era*. Old Main: Penn State Press, 2002.

ⁱ **Julio MONTEIRO, Prof.Dr.**

Universidade de Brasília (UnB)

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

cesarj1@gmail.com